

NEGÓCIOS

Expodireto amplia conexões globais do agro brasileiro

Países africanos se destacaram no Pavilhão Internacional e buscaram prospectar investimentos e ampliar a produção agrícola

Claudio Medaglia, de Não-Me-Toque
claudiom@jcrs.com.br

O Pavilhão Internacional da Expodireto Cotrijal 2026, em Não-Me-Toque, consolidou-se como ponto de convergência entre tecnologia, mercado e cooperação, reunindo representantes de cerca de 70 países de cinco continentes. Ao longo de cinco dias, visitantes e expositores acompanharam tendências em produção, inovação e oportunidades de negócios no agronegócio brasileiro.

Países europeus, como Alemanha, Itália e Polônia, acompanharam o debate sobre o acordo entre Mercosul e União Europeia, enquanto China e Índia mantiveram forte presença de importadores e investidores interessados em parcerias com o setor privado brasileiro.

Mas o destaque foi o continente africano, com delegações da Nigéria, Gana, Namíbia, Tanzânia, Ruanda, Zimbábue, Camarões, Gabão e, pela primeira vez, da Zâmbia. O interesse concentrou-se em genética e produção animal, cultivos de arroz, soja e milho, intercâmbio acadêmico e prospecção de investimentos.

O encarregado de negócios da embaixada da Zâmbia no Brasil, Coillard Muvwema, afirmou que a visita teve como objetivo conhecer a experiência brasileira em produtividade agrícola, mecanização e agricultura de precisão.

“O Brasil não está apenas produzindo comida para consumo interno; também produz para exportar para o mundo inteiro. Esse tipo de conhecimento é o que gostaríamos de aplicar”, disse.

Segundo ele, parte do território zambiano possui solos de savana com características semelhantes às do Cerrado brasileiro, o que abre espaço para transferência de tec-



Coillard Muvwema, da Zâmbia, quer espelhar em seu país o sucesso brasileiro na produção de alimentos

nologia. A delegação demonstrou interesse em sistemas de irrigação eficiente, mecanização e sementes adaptadas a condições climáticas desafiadoras.

Durante a feira, chamou atenção da delegação a presença de equipamentos de alta precisão e soluções de irrigação capazes de ampliar a produtividade com uso racional da água. Muvwema destacou que a adoção dessas tecnologias poderia potencializar uma das vantagens naturais do país: a disponibilidade de recursos hídricos.

A agricultura é um dos pilares econômicos e sociais da Zâmbia e tem papel central na geração de renda rural e na segurança alimentar. Grande parte da produção ainda é realizada por pequenos agricultores dependentes das chuvas, o que torna o setor vulnerável às variações climáticas.

Dados recentes indicam que a

produção de cereais alcançou cerca de 3,9 milhões de toneladas em 2025, com o milho respondendo por aproximadamente 3,6 milhões de toneladas. O cereal é o principal alimento da população e base do prato tradicional conhecido como shima.

O país também cultiva soja, trigo, arroz, sorgo, milheto, tabaco e algodão, além de mandioca e amendoim em sistemas de agricultura familiar. A produção atual atende parte da demanda interna, mas o governo busca ampliar a escala produtiva para abastecer a população — estimada em cerca de 20 milhões de habitantes — e ampliar exportações regionais.

Nesse processo, a disponibilidade de água é apontada como um diferencial. Segundo Muvwema, cerca de 40% dos recursos hídricos da África Austral estariam localizados no território zambiano, o que abre espaço para expansão da irrigação e

aumento da produtividade agrícola.

Localizada no centro da África Austral, a Zâmbia não possui saída para o mar, mas faz fronteira com oito países. Essa posição geográfica, segundo o diplomata, permite acesso a mercados regionais integrados.

“O investidor não deve olhar apenas para os 20 milhões de habitantes da Zâmbia, mas para os cerca de 600 milhões de consumidores dos blocos regionais”, afirmou.

O país integra organizações econômicas como a Southern African Development Community (SADC) e o Common Market for Eastern and Southern Africa (COMESA), que facilitam o comércio entre os países membros.

Como parte da estratégia de expansão, o governo reservou cerca de 1 milhão de hectares para projetos agrícolas voltados a investidores privados. As áreas estão organizadas em dez blocos produtivos de aproxi-

madamente 100 mil hectares cada.

“A Zâmbia está aberta para que agricultores brasileiros invistam no país. Temos terra disponível, recursos hídricos e um mercado regional garantido”, disse Muvwema.

A aproximação com o Brasil ocorre por meio de acordos de cooperação agrícola que incluem intercâmbio técnico e capacitação de produtores. Segundo o diplomata, agricultores zambianos já participam de treinamentos e visitas técnicas com apoio da Embrapa. A avaliação é que a experiência brasileira em agricultura tropical pode contribuir para ampliar a produtividade no país africano.

“O que queremos é que agricultores brasileiros e zambianos conversem diretamente e compartilhem conhecimento. O Brasil tem experiência em superar desafios climáticos e aumentar a produção”, afirmou.

Parcerias e troca de tecnologia e pesquisa dominaram a área internacional da feira

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

O protagonismo africano também se verificou no quesito troca de tecnologia e pesquisa, com o estabelecimento de um acordo de cooperação entre a Universidade de Abuja, na Nigéria, e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade de Passo Fundo (UPF), Embrapa e o

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFRS). “Envolve a área da pecuária, especialmente melhoramento genético, pois eles buscam incrementar a qualidade dos rebanhos de aves e suínos”, informa Evaldo Silva Júnior, conselheiro da área internacional da feira.

A Índia foi outro país que se destacou nessa edição da Expodireto, com grande interesse em fazer parcerias

com empresas gaúchas para aumento de produção e desenvolvimento de novos equipamentos. “Eles encaminharam muitas possibilidades, ainda sem fechamento efetivo. A ideia deles é instalar uma unidade de montagem no Estado”, antecipa.

Em relação aos países europeus presentes na mostra, o conselheiro afirma que a Alemanha e a Itália, trouxeram para a feira novidades

em termos de agricultura de precisão e aumento de produtividade das máquinas. Já a França focou muito no tema do acordo entre Mercosul e União Europeia, pois “há uma grande preocupação de países europeus produtores sobre quanto eles serão afetados com a entrada em vigor do acordo”.

Para 2027, a expectativa é de que mais comitivas participem do espaço

que deve quadruplicar de tamanho, após as obras de expansão do parque previstas para a próxima edição da feira. “Nós temos uma demanda reprimida de expositores internacionais, principalmente da China e da Índia querendo participar”, informa. Neste ano, a participação poderia ter sido ainda maior, mas muitos países confirmados precisaram cancelar a vinda, em função da Guerra no Irã.